

Governos ruins custam caro

19 AGO 1987

Antes de iniciar a viagem que empreende ao Exterior, o presidente José Sarney recebeu um grupo de jornalistas na biblioteca do Palácio da Alvorada. "Talvez sejamos a única região do mundo que está em fase de involução, no que se refere ao crescimento econômico", disse então s. exa., trazendo à baila a situação em que se encontra a América Latina e, ao mesmo tempo, revelando saudável adaptação à realidade. Só lhe faltou acrescentar como o panorama que se desenha no futuro do Brasil pode levá-lo a, desgraçadamente, oferecer desastrosa colaboração para que tal fase, pressaga, tenha desfecho ruinoso, do qual não se dissocia a perspectiva de comoções sociais de dimensão maiúscula e cujas consequências seria insensato subestimar.

No México, o presidente da República proferiu discurso de cunho sentimental, pondo em evidência a tradição que marca as relações entre os dois países, sempre caracterizadas por diálogo sem arestas, apto a distinguir uma aproximação fraternal. Mas o presidente Miguel de La Madrid foi além da retórica de que se lança mão freqüentemente nas saudações trocadas entre chefes de Estado durante visitas oficiais, e abor-

dou aspectos relevantes das relações econômicas internacionais, "desequilibradas e distorcidas", impondo aos países em desenvolvimento "maior cota de sacrifício".

Ninguém ignora que em tal sacrifício têm papel preponderante a queda de preços dos produtos primários de exportação e o protecionismo alfanegário com que os industrializados guerreiam os produtos acabados com que os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento pretendem competir no mercado externo. Porém, se fosse somente esse o obstáculo a transpor para atingir patamares mais elevados de progresso e bem-estar social, os maiores que acometem tais países não teriam assumido o vulto de que se revestem hoje; não é mais de fora do que de dentro que emergem os problemas que castigam os países em questão: eles marcam passo e não conseguem libertar-se dos grilhões da pobreza sobretudo porque são vítima de maus governos que gastam demais e abrem o fosso de déficits públicos astronômicos cobertos graças à adoção de medidas que provocam a escalada inflacionária e, assim, flagelam o povo, sabido que a desvalorização monetária enriquece os ricos, que são uma minoria,

e empobrece os pobres, que são milhões. Não é só. Tais governos não gastam pouco, muito pelo contrário; gastam mal, entretanto, desperdiçando em custeio parcelas polpudas do que deveriam despender em investimento, além de serem pródigos em atender aos apelos demagógicos da busca do prestígio nas eleições.

Não haverá exagero em afirmar que se o povo brasileiro contasse com governos atentos a resolver seus problemas, enfrentando-os sem receio da esquerda, a qualidade de vida que desfruta seria muitíssimo melhor do que é neste final dos 80. Por causa da demagogia, da xenofobia e do desmazelo, o Brasil está dividido entre bolsões de renda *per capita* digna dos Estados Unidos, da Europa Ocidental ou do Japão, e vastas regiões nas quais impera a miséria, habitadas por contingentes a que falta quase tudo em matéria de assistência médica, educação, alimentação e oportunidades de trabalho. Não raro encontram-se próximas no espaço populações que vivem em idades culturais diferentes. Que fazer, se o montante dos orçamentos cresce, ano após ano, mas a aplicação de verbas obedece quase sempre a critérios de que se pode dizer que

são irracionais, ditados com freqüência alarmante pelo propósito que têm os poderosos do dia em fortalecer-se junto aos que possam sustentá-los mais tempo nas posições privilegiadas a que se guindaram.

É essa irracionalidade, essa falta de diretriz, que marca o atual governo. Despacho procedente da Cidade do México dá conta de que o Executivo descartou definitivamente a criação das ZPEs (Zonas de Processamento de Exportação), que seriam instaladas no Nordeste. Referindo-se às promessas feitas para criá-las, o ministro Bresser Pereira limitou-se a dizer que "esse é um assunto superado". E temos conversado! Ora, todos se lembram de que, até recentemente, o presidente da República considerava essas zonas de exportação fundamentais para ativar o parque industrial brasileiro e retirá-lo do atraso tecnológico em que se encontra. Há a lamentar, portanto, que — mais uma vez — s. exa. capitule diante daqueles que julgam a expansão da exportação uma forma de ceder ao imperialismo estrangeiro. Ali está um exemplo gritante do preço escorchanto que o povo paga pelos governos indecisos, fracos, dominados pela política.